



Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas

[Artigo 3, páginas de 38 a 51]



Milene Chiovatto

Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Ciências da Comunicação – Sociologia da Arte pela ECA/USP. É conselheira do Instituto Arte na Escola e coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca desde 2002.
mchiovatto@pinacoteca.org.br

Gabriela Aidar

Coordenadora dos Programas Educativos Inclusivos do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Graduada em História pela USP, especialista em Estudos de Museus de Arte pelo MAC/USP e em Museologia pelo MAE/USP. Obteve o título de Master of Arts in Museum Studies pela Universidade de Leicester, na Inglaterra, com revalidação pelo Programa de Mestrado em Museologia da UNIRIO. É membro do Conselho de Administração do ICOM Brasil (Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus)
gaidar@pinacoteca.org.br

Aline Stivaletti

Assistente de Coordenação do Programa Meu Museu do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Graduada em Comunicação Social pela Unesp, com Master em Mediação Cultural pela Universidade Sorbonne Nouvelle, de Paris. Já atuou nos educativos do Centro Nacional de Artes Plásticas da França, do Fundo Regional de Arte Contemporânea de Paris e no Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
meumuseu@pinacoteca.org.br



RESUMO

O artigo apresenta o *Programa Meu Museu* do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, atua desde 2013 no atendimento especializado ao público idoso, em sua ampla variedade. Além de visitas educativas modeladas para interesses e demandas deste público, o programa desenvolve parcerias para ações continuadas com instituições voltadas a este público, curso de formação destinado a profissionais que atuam com idosos, que discute as especificidades dos processos educativos inclusivos com esta faixa etária, e publicou um folder de caráter mnemônico para incentivar a participatividade deste perfil de visitante. Em 2015, expandindo os conhecimentos, construídos internamente ao museu, o *Meu Museu* iniciou uma ação extramuros numa instituição vinculada à área da saúde, em parceria com o – *Programa Acompanhantes de Idosos Butantã* (PAI), da Secretaria da Saúde, selecionado para estabelecer este diálogo. A intenção consiste em promover, de forma qualificada, uma ação externa ao museu, possibilitando a inclusão cultural e a melhoria da qualidade de vida dos participantes. Ainda em 2015, o *Programa Meu Museu* desenvolveu a ação *Pina +60* em parceria com o *Programa Consciência Funcional*– que atua com os funcionários da Pinacoteca, promovendo atividade aos seus familiares e cuja idade fosse superior a 60 anos.

Palavras-chave: Acessibilidade, Inclusão, Educação, Museus, Idosos.

ABSTRACT

This article presents the My Museum Program which, since 2013, has been providing services especially suited to the widely group of elderly visitors of the Pinacoteca do Estado de São Paulo. Besides providing educational visits designed for the interests and needs of these visitors, the program carries out partnerships for ongoing actions with institutions that work with elderly people, and also gives a training course for professionals which work with the elderly, that discusses the specific factors to be considered in regard to inclusive educational processes with this age group. Moreover, the program has published a mnemonic brochure to encourage the participation of this sort of visitor. In 2015, the My Museum Program began an outreach action, which takes the knowledge put together within the museum and expands it to an institution linked with the health area, selected with a view to establishing this dialogue. The aim is to generate an action outside the museum which fosters cultural inclusion and improved quality of life for the participants. Still in 2015, My Museum Program developed an action in partnership with Staff Training Program, which works with the Pinacoteca's professionals, named Pina +60, comprising an activity for the workers' relatives that were over 60 years old.

Keywords: Accessibility, Inclusion, Education, Museums, Elderly People.

A MORADIA E A DIGNIDADE

A Pinacoteca do Estado de São Paulo está localizada na capital paulista, em cuja região metropolitana residem aproximadamente 19 milhões de habitantes. O museu encontra-se na região central da cidade, em área com boa infraestrutura e oferta de serviços públicos e privados, conquanto repleta de contrastes sociais. Localizado num parque, vizinho de população de baixa renda e de importantes áreas comerciais integra um polo cultural que inclui cinco museus e uma sala de concertos.

Fundada em 1905, a Pinacoteca consiste no mais antigo museu de arte do estado, divide-se em dois edifícios, constituindo-se numa instituição pública pertencente ao governo do estado, todavia gerida pela iniciativa privada. Ocupando os dois prédios que compõem o museu, sua coleção atual supera 10.000 obras, com maior destaque para a arte brasileira desde o século XVIII aos dias de hoje. Sua programação possui duas mostras de longa duração de seu acervo e ampla variedade de exposições temporárias e ações culturais.

No Núcleo de Ação Educativa (NAE) da Pinacoteca do Estado de São Paulo, desenvolvemos programas educativos formulados segundo o perfil do público, dinamizando nossa atuação e modelando-a para cada necessidade dos visitantes. Desta forma, além das costumeiras ações educativas, voltadas a alunos, professores, famílias e público em geral, também desenvolvemos programas para os chamados “não públicos” de museus, aqueles que não frequentam espontaneamente essas instituições. Para isto, o NAE divide-se em duas frentes.

A primeira compreende (i) o *Programa de Atendimento ao Público Escolar em Geral* e os *Programas de Formação de Professores*, os quais, além de monitorar visitas de estudantes, qualificam professores para o uso pedagógico do patrimônio; (ii) o *Pinafamília*, que realiza ações para estimular o convívio familiar por meio da fruição artística e (iii) os *Dispositivos para a Autonomia da Visita* que inserem, nos circuitos das exposições e demais espaços do museu, estímulos à construção autônoma de conhecimento por parte do público, sem a necessidade do educador.

Outra linha de atuação ocorre com os *Programas Educativos Inclusivos*, compreendendo (i) o *Programa Educativo para Públicos Especiais*, que atua com grupos de pessoas portadoras de deficiências e transtornos mentais; (ii) o *Programa de Inclusão Sociocultural*, que desenvolve ações com grupos em situação de vulnerabilidade social; (iii) o *Programa Consciência Funcional*, que atua com os próprios funcio-

nários do museu e (iv) o *Programa Meu Museu*, que desenvolve ações com grupos de pessoas idosas (60 anos ou mais), objeto deste artigo.

Em nossa prática educativa alguns conceitos são norteadores para as ações, em particular aquelas de caráter inclusivo. Um dos conceitos-chave expressa-se na acessibilidade em museus, termo que em seu uso cotidiano costuma ser percebido como sinônimo de ações que promovam o acesso físico a pessoas com deficiências. Entretanto, sabemos que as questões de acessibilidade extrapolam as necessidades exclusivas das pessoas portadoras de deficiências e mais ainda as demandas por acesso físico.

Assim, propomos que a acessibilidade em museus seja compreendida numa perspectiva mais ampla, incluindo a remoção de barreiras que impeçam ou dificultem o acesso de grupos diversos e dividam-se em três esferas, partindo de aspectos mais tangíveis até chegar àqueles de caráter mais subjetivo. São elas: a acessibilidade física propriamente dita, que sobrevém da garantia de circulação e afluxo do público, ou mesmo da liberação do valor do ingresso; a acessibilidade cognitiva ou intelectual, que permite aos visitantes compreender os discursos expositivos; por fim, a acessibilidade afetiva ou atitudinal, que implica desenvolver a identificação com sistemas de produção e fruição, assim como a confiança e o prazer pela inserção no espaço do museu (CHIOVATTO et al. In: SANTOS, 2010, p. 18-21). Se conquistar um espaço fisicamente acessível constitui um desafio à maior parte dos museus, promover o acesso em seus aspectos comunicacionais e atitudinais mostra-se talvez muito mais desafiador, uma vez que envolve escolhas políticas e ideológicas por parte das instituições museológicas.

Outro conceito fundamental à nossa prática concerne à equidade, compreendida como uma igualdade de direitos que considera as particularidades e diferenças dos indivíduos e de suas necessidades, conforme apontado pela Equipe Educação e Comunidade da ONG CENPEC:

O princípio da equidade é tratar de maneira distinta os que não estão em condições de igualdade, exatamente para que sejam construídas relações justas. Em sociedades com longo passado



Assim, propomos que a acessibilidade em museus seja compreendida numa perspectiva mais ampla, incluindo a remoção de barreiras que impeçam ou dificultem o acesso de grupos diversos.

de escravidão, como a brasileira, a sociedade assume papel decisivo na promoção da equidade e redução das desigualdades. Pessoas em desvantagem econômica necessitam de mais recursos públicos do que as economicamente favorecidas para ter garantidos os mesmos direitos, pois foram alijadas do acesso a bens e serviços públicos. Assim como nem toda igualdade é justa quando não considera as diferenças, nem toda desigualdade é injusta quando visa reduzir a iniquidade. Um tratamento desigual é justo quando beneficia os mais vulneráveis. CENPEC/EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE. In: CARVALHO, 2005, p. 21)

Nesse texto, abordaremos o *Programa Meu Museu*, seu contexto e o trabalho desenvolvido e, a fim de subsidiar o desenvolvimento de nossas ações a partir de dados da realidade, incorporamos também em nossa prática o acompanhamento de pesquisas de público internas, que consideram somente os visitantes, e externas ao museu, observando o público de cultura e os estudos demográficos em âmbito local, estadual ou nacional.

Segundo alguns estudos de públicos, seja dos visitantes de nosso museu, seja do público da cultura e dos estudos demográficos em âmbitos local, estadual e nacional, a expectativa de vida no Brasil – acompanhando tendência mundial – (assim como no resto do mundo) vem aumentando a cada década. No caso brasileiro, havia na década de 1980 uma expectativa de vida média entre homens e mulheres de 62,5 anos; 33 anos depois, em 2013, essa expectativa subia para aproximadamente 74,9 anos (IBGE, 2013, p. 2).

Outra recente pesquisa, realizada em âmbito local, sobre os hábitos culturais dos moradores do estado de São Paulo indica déficit na renda e na escolaridade das pessoas idosas, o que compromete seu acesso à cultura. Segundo essa pesquisa, as pessoas com 60 anos ou mais possuem menor escolaridade (apenas 10% dos respondentes com ensino superior) e conseqüentemente menor renda (27% dos respondentes nas classes D e E – menor extrato socioeconômico). Índices que repercutem em seus hábitos culturais, sendo constatada a



Sobre os hábitos culturais dos moradores do Estado de São Paulo indica déficit na renda e na escolaridade das pessoas idosas, o que compromete seu acesso à cultura.



...um dos principais objetivos e eixos de trabalho do Programa reside em promover o encontro entre as distintas memórias – as particulares e as coletivas – que propicie diálogos interculturais e intergeracionais entre os participantes.

redução da prática de atividades culturais conforme a idade avança. No caso particular da frequência a museus, apenas 17% dos respondentes acima de 60 anos afirmaram ter visitado algum museu no último ano – a maior parte das práticas culturais para essa faixa etária ocorre dentro de suas casas, como assistir a filmes na televisão e ler (LEIVA, 2014, p. 84-85).

No que diz respeito às pesquisas de público internas ao museu, os dados são similares: um levantamento feito pela Pinacoteca em 2012 demonstrou que o público idoso responde pelo menor percentual de frequentadores – na ocasião, apenas 6% de seus visitantes tinham 60 anos ou mais.

Com isso em mente, e respondendo ao nosso desejo de ampliar o atendimento de públicos diversos e sub-representados na instituição, iniciamos em maio de 2013 o *Programa Meu Museu*, que promove ações educativas voltadas a grupos de idosos, pretendendo estimular sua visita à Pinacoteca, fortalecer sua autonomia e estabelecer relações entre suas memórias pessoais e as memórias sociais preservadas pelo museu.

Para sua implementação, partimos do princípio que tínhamos de imediato um ponto em comum: a memória. Sabemos que a velhice traz consigo um acúmulo de vivências e que as memórias de vida nesse contexto assumem predominância existencial. De nossa parte, somos uma instituição de memória condensada nos bens patrimoniais que preservamos, no caso da Pinacoteca, em suas obras de arte. Dessa forma, um dos principais objetivos e eixos de trabalho do Programa reside em promover o encontro entre as distintas memórias – as particulares e as coletivas – que propicie diálogos interculturais e intergeracionais entre os participantes, a fim de fortalecê-los como sujei-

tos ativos. A percepção de memória se aproxima daquela referenciada por Hannah Arendt, “pois memória e profundidade são os mesmos, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação” (ARENDE, 1997, p. 131).

Um conceito importante nesse sentido é o de envelhecimento ativo, conforme proposto pela Organização Mundial de Saúde: “se quisermos que o envelhecimento seja uma experiência positiva, uma vida mais longa deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança”. Nesse documento, a ênfase dada ao envelhecimento ativo, no que diz respeito à autonomia, independência e qualidade de vida, nos interessa, pois trata de aspectos que podem ser amplamente trabalhados no contato educativo com os museus e outras instituições culturais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 13-14).

Para isto, o *Programa Meu Museu* desenvolve as seguintes ações: parcerias e visitas educativas continuadas e/ou pontuais a grupos de idosos; curso anual de formação para educadores e outros profissionais que desenvolvam projetos socioeducativos junto a idosos; ação extramuros continuada; e material educativo impresso para os participantes das ações.

As visitas educativas podem ser pontuais ou continuadas (para as quais damos preferência). Em ambos os casos, são estruturadas a partir das demandas e perfil de cada grupo. Neste sentido, é importante apontar que os grupos atendidos pelo *Programa* possuem em comum apenas o fato de terem 60 anos ou mais, uma vez que costumam ser bastante diversos em sua condição socioeconômica, de saúde, escolaridade, experiências de vida etc.

Ao longo de seus quase dois anos e meio de atuação, o programa atendeu ampla variedade de pessoas idosas, recebendo desde aquelas institucionalizadas, com pouco ou nenhum vínculo familiar ou com implicações de saúde, tais como mobilidade reduzida, perda parcial da visão e audição, e mesmo com processos de demência, até grupos independentes e autônomos, com renda familiar alta e extenso acesso à cultura. Esta variedade de perfis ao mesmo tempo em que representa um desafio à equipe do *Programa*, implica numa riqueza de possibilidades de trabalho.

Nesse contexto, as visitas ao *Programa Meu Museu* almejam estimular as memórias dos idosos visitantes por meio de obras presentes nas exposições da Pinacoteca. Exemplo disso ocorre com um dos percursos realizados nas visitas educativas do programa, no qual trabalha-se, entre outras, a pintura *O violeiro* (1899), do artista brasileiro Almeida

Artigo 3

Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas

Júnior. Nessa obra, o artista apresenta uma cena cotidiana do interior paulista da época, tendo como cenário a janela de madeira de uma casa de pau a pique, construção típica dessa região.

É possível observar nessa tela a figura de um caipira sentado no peitoril e encostado no batente esquerdo da janela, vestindo camisa xadrez, calça clara, chapéu e tocando uma viola. Na mesma cena, há uma mulher encostada do lado direito da janela, na parte de fora da casa, vestida da mesma forma simples que o homem, traz no pescoço um lenço vermelho e branco, que segura pelas pontas com as duas mãos. Ao mesmo tempo em que escuta a moda de viola, a mulher parece cantar com o violeiro, sugerindo uma cena descontraída do cotidiano dessas pessoas.



Grupo de pessoas com mais de 60 anos em visita educativa à Pinacoteca
Foto: NAE (Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca)

Diante dessa obra, os idosos são estimulados pela equipe do *Meu Museu* a compartilharem vivências relacionadas a esse cotidiano do interior paulista – e de outras regiões brasileiras, uma vez que grande parte da população urbana de São Paulo possui suas origens ligadas ao cenário rural do estado. Grande parte dos idosos associa cenas de

serestas e músicas de viola com suas lembranças pessoais em residências como a de pau a pique retratada no quadro.

Diversas músicas já foram entoadas espontaneamente por grupos de idosos diante dessa obra, introduzindo na silenciosa sala de exposição do museu as memórias sonoras dos visitantes. Exemplo disso ocorreu numa visita com um grupo de idosas de uma instituição religiosa. Duas senhoras, assim que se depararam com a pintura, emocionadas pela obra, começaram a cantar a música *Galopeira* (1957), de Maurício Cardoso Ocampo. Ao final da canção, o grupo todo estava com lágrimas nos olhos, tamanha havia sido a emoção daquele momento espontâneo. Ao estimular este tipo de relação com a obra, considera-se o repertório pessoal de cada idoso, em congruência com a afirmação de Johannes Doll:

As atividades desenvolvidas pelas pessoas idosas precisam ter um significado vital, dependendo da biografia e das condições de vida de cada um. [...] Para que uma atividade seja significativa, ela precisa ter algum vínculo com a identidade da pessoa: profissão, biografia, metas, ideias, valores. (DOLL. In: NERI, 2005, p. 111)

A pluralidade e a heterogeneidade do perfil de idosos se reflete na composição dos grupos atendidos pelo *Meu Museu*, que podem ser: serviços vinculados a organizações sociais de assistência social ou saúde, ONGs, associações esportivas ou religiosas, centros culturais e de convivência, entre outros.

Como desdobramento das visitas educativas ao museu, ainda em 2013, elaboramos um material impresso de caráter poético e mnemônico para incentivar a participatividade dos visitantes tanto durante quanto depois da visita ao museu.

Este material é um recurso impresso que, quando usado durante a visita, estimula as memórias pessoais dos idosos que dialogam com a obra *O violeiro* (1899), de Almeida Junior. Além da imagem da obra, há também uma poesia e questões para serem compartilhadas com o grupo, relacionadas com a representação do cotidiano do interior paulista. Em uma visita realizada em maio de 2014, o poema presente neste material se tornou um vetor para que um dos idosos do grupo recitasse uma poesia de sua autoria diante dos demais, proporcionando a todos um momento de emoção e também de empoderamento a esse idoso. Como exemplo da permanência na memória provocada pelo estímulo desse recurso, o mesmo idoso retornou em outra visita poste-

riormente trazendo uma brochura com todos os seus poemas e aproveitou a oportunidade para declamar mais um texto de sua autoria.

Outro material desenvolvido pelo *Programa Meu Museu*, a partir da prática das visitas educativas, relaciona-se com o eixo temático da autoimagem do idoso. A abordagem deste assunto originou-se da percepção da resistência por parte dos idosos em se reconhecerem e se relacionarem com as obras do gênero retrato em exposição de longa duração do museu.

A partir desta observação, elaboramos uma atividade plástica que dialogasse com a temática do retrato e do autorretrato, com diferentes carimbos de elementos do rosto – nariz, boca, olhos, entre outros. O carimbo foi escolhido por partir da vantagem de atingir aqueles que se sentem intimidados pelo desenho e, também, por incluir os idosos que possuem baixa motricidade (por questões decorrentes de problemas de saúde). Assim, a atividade contempla a autopercepção e a percepção do outro, por meio de um recurso não intimidatório.

Trata-se de abordagem pertinente com o público idoso, considerando os estereótipos sociais que pesam sobre o processo do envelhecimento e que podem acarretar consequências negativas ao idoso, como exemplifica Anita Liberalesso Neri: “a exclusão produzida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita o acesso dos idosos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de auto-eficácia” (NERI, 2007, p. 44).

Desde seu início, o *Programa* também atua na formação de educadores e outros profissionais que trabalham com idosos, mediante curso de formação anual chamado *Idosos e o museu: possibilidades educativas*, cujo principal objetivo consiste em subsidiar os participantes para a compreensão das potencialidades socioeducativas dos museus, além de qualificar sua prática junto aos idosos a partir de conteúdos e abordagens da arte, da cultura e do patrimônio.



“a exclusão produzida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita o acesso dos idosos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de auto-eficácia” (NERI, 2007, p. 44).

O curso possui edições anuais para 25 participantes das áreas de assistência social, saúde, educação e cultura, desde que atuem junto ao público alvo do *Programa*. Suas 40 horas/aula, divididas em 10 aulas semanais, detêm caráter teórico-prático e abordam desde temas como gerontologia social e a relação entre patrimônio e velhice, até discussões sobre acessibilidade e educação em museus. Interessa frisar a crescente demanda pelo curso não apenas entre o público alvo, mas também entre profissionais de outros museus e instituições culturais, indicando tendência de crescimento do interesse na implantação deste tipo de projeto em outras instituições culturais do estado.

A partir de abril de 2015, em parceria com o projeto *Programa Acompanhantes de Idosos* criado pela Secretaria de Saúde, o *Meu Museu* iniciou uma ação extramuros objetivando atender idosos vulnerabilizados em seus domicílios, assim como promover espaços de encontro e diálogo entre os mesmos.

A ação se estrutura a partir de encontros quinzenais na instituição de origem do grupo e a cada dois encontros na instituição parceira realiza-se uma visita educativa às exposições da Pinacoteca pertinente às questões trabalhadas com o grupo. No momento, enfatiza-se processos de compartilhamento das memórias do grupo – individuais e coletivas –, tais como recordações sobre o bairro onde moram, vivências nesses locais, memórias que guardam seus objetos pessoais, relacionando-os a exposições e obras da Pinacoteca.

Um exemplo interessante de como essas relações podem se estabelecer se deu na primeira visita do grupo à exposição de longa duração de obras do acervo da Pinacoteca, durante a leitura de imagem da obra *Ventania* (1888), de Antonio Parreiras, que representa uma paisagem com um temporal prestes a cair. Na obra, uma mulher está agachada e encolhida numa estrada de terra, dando a impressão de que está com medo. Ao fim da estrada é possível observar um céu coberto por uma densa nuvem cinza que anuncia a chegada de uma tempestade. Do lado esquerdo de quem observa a tela, há um conjunto de árvores que se curvam diante da ação do vento e, ao seu lado, duas casas. Durante a experiência diante desta imagem, os participantes do grupo espontaneamente relataram as crenças e “simpatias” para se proteger contra os raios e as tempestades, algo comum antigamente no universo rural do país.

Temos aprendido nas diversas ações realizadas que, como discorre Ecléa Bosi sobre a dignidade no processo de envelhecimento, “sua vida (a vida do idoso) ganha finalidade se encontrar ouvidos atentos,

Artigo 3

Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas

ressonância” (BOSI, 1994, p. 22). A ação extramuros terá continuidade em 2016 com o mesmo grupo, pois a partir das avaliações realizadas com os idosos e com as equipes do *Meu Museu* e do PAI-Butantã, no final de 2015, percebemos a relevância da ação para os envolvidos e suas potencialidades de desdobramento e aprofundamento.

O *Programa Meu Museu* também participou de uma ação em parceria com o *Programa Educativo para Públicos Especiais*, a fim de atender continuamente, durante um semestre de 2013, um grupo de pessoas com deficiência intelectual e em processo de envelhecimento. Foi uma experiência muito enriquecedora que nos permitiu trocar aprendizados entre as equipes e melhor atender o público alvo.

Em parceria com o *Programa Consciência Funcional*, em setembro de 2015 o *Meu Museu* realizou o *Pina+60*, atividade com o propósito de receber parentes idosos dos funcionários do museu para uma tarde de atividades na Pinacoteca, dispondo de visita educativa à exposição de longa duração, seguida de um café e apresentação musical. A proposta dessa atividade consiste em que o funcionário e seu parente idoso participem juntos da atividade, estimulando seus vínculos, numa perspectiva intergeracional.

Desenvolver um programa específico para o atendimento qualificado aos idosos no museu nos ensina bastante não apenas em termos de desmistificar a unicidade que emprestamos ao termo idoso, percebendo as especificidades que esta faixa etária apresenta; mas principalmente na percepção da importância da criação de oportunidades de participação para este público num mundo cada vez mais voltado à rapidez, à modernidade e à juventude. As ações revelam um público ansioso por participar, por ser ouvido e dispor de um processo de envelhecimento ativo e digno. ➡

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (Coord). *Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas*. São Paulo: CENPEC, 2005. p. 13-23. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/813/1705.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- CENPEC/EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE. A infância e adolescência no Brasil: a diversidade como meio de promover a equidade. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (Coord). *Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas*. São Paulo: CENPEC, 2005. p. 13-23. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/813/1705.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- CHIOVATTO, Mila Milene et al. Repensando a acessibilidade em museus: a experiência do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. In: SANTOS, Anderson Pinheiro (Org). *Diálogos entre Arte e Público - Acessibilidade Cultural: o que é acessível e para quem?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v. 3, 2010, p.18-21. Disponível em: <<http://dialogosentrearteepublico.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- DOLL, Johannes. "Educação, cultura e lazer." In: *Coleção Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Editora Alínea/SESC, 2005, p.111.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tábua Completa de Mortalidade para o Brasil – 2013*. Rio de Janeiro, 01 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000019794312112014432701710507.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2016.
- LEIVA, João (Org). *Cultura SP: hábitos culturais dos paulistas*. São Paulo: Tuva Editora, 2014. Disponível em: <http://www.jleiva.com.br/pesquisa_sp/downloads/livro_cultura_em_sp.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- NERI, Anita Liberalesso (Org). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Edições SESC, 2007.
- SANTOS, Anderson Pinheiro (Org). *Diálogos entre Arte e Público - Acessibilidade Cultural: o que é acessível e para quem?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v. 3, 2010, p.18-21. Disponível em: <<http://dialogosentrearteepublico.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2015
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2015.